

# Chiquinha Gonzaga e a Música Brasileira: uma análise do discurso na literatura infanto-juvenil

*Rodrigo Cantos Savelli Gomes*  
Secretaria de Educação de Florianópolis  
Universidade Federal de Santa Catarina  
*rodrigocantos@yahoo.com.br*

**Resumo:** O estudo em andamento tem como objetivo problematizar os regimes de conhecimento em música a partir de uma análise do discurso na literatura infanto-juvenil que tem por objeto Chiquinha Gonzaga e a música brasileira. Interessa-me, sobretudo, discutir o uso desta literatura enquanto artefatos culturais destinados a orientar as estratégias e práticas educativas de professores. A metodologia consiste em uma análise do discurso, a partir da noção de *formações discursivas* de M. Foucault (2014, 2015), da noção de *acontecimento discursivo* e *interdiscurso* de M. Pêcheux (2015) visando, com isso, problematizar os regimes de conhecimento, situando-os como processos sociais envoltos em relações de poder, hierarquia e ideologias. Foram selecionados para esta análise quatro livros sobre Chiquinha para o público infanto-juvenil. As discussões em torno dos dados levantados percorreram temas como: relações de gênero; relações raciais; construção de identidades; ideologias individualistas; mística do artista como indivíduo singular; comportamentos desviantes e divergentes. O estudo, em fase inicial, pretende em sua continuidade problematizar o que as narrativas em torno de Chiquinha Gonzaga têm a dizer sobre os projetos aos quais se vinculam, o que está em jogo em tal processo de elaboração, em nome de quais interesses, partindo do pressuposto de Strathern (2013) que ideias não podem divorciar-se de relacionamentos.

**Palavras chave:** Análise do discurso; regimes de conhecimento em música; literatura infanto-juvenil.

O presente texto é parte de uma pesquisa de doutorado em Antropologia Social, em fase inicial, que tem como objetivo problematizar os regimes de conhecimento em música a partir da análise de discursos que tem por objeto Chiquinha Gonzaga e a música brasileira. Apresento aqui um recorte deste estudo. Trata-se uma análise do discurso em livros de literatura infanto-juvenil que tem como tema central Chiquinha Gonzaga. Pretendo, com isso, verificar como Chiquinha é apresentada às crianças e jovens enquanto sujeito e artista histórico com intenção de problematizar a formação de conhecimento sobre a música brasileira para este público.

Tomo a literatura infanto-juvenil como artefatos culturais<sup>1</sup> produzidos por adultos para ser manipulado por crianças e jovens, assim como para orientar as estratégias e práticas educativas de professores, embora o uso não se limite apenas a tal fim. Alguns destes livros apresentam propostas de atividades ou indicam possibilidades de pesquisa para aprofundar o tema. Os mesmos costumam estar disponíveis nas bibliotecas de algumas escolas e nas prateleiras das sala de aula do ensino básico. Parto do princípio que grande parte deste material tem como finalidade disciplinar condutas, transmitir valores, ideais, contribuir na formação da identidade, ainda que, por vezes, de forma subjetiva e não intencional.

A partir da noção de *formações discursivas* de Foucault (2014, 2015), da noção de *acontecimento discursivo* e *interdiscurso* de M. Pêcheux (2015) quero problematizar os regimes de conhecimento, situando-os como processos sociais envoltos em relações de poder, hierarquia e ideologias. A análise discursiva aqui proposta não tem como interesse examinar Chiquinha enquanto sujeito, nem em recompor sua trajetória ou apontar suas possíveis influências no meio musical e social; mas sim nela enquanto objeto de formações discursivas sobre a música brasileira, ou seja, as relações que se estabelecem entre os discursos, as contradições, as regularidades e as transformações que podem aí ser observadas. Pretendo verificar como Chiquinha é confrontada com categorias frequentemente ligadas ao domínio artístico como: autenticidade, originalidade, legitimidade, nacionalidade; assim como a categorias frequentemente associadas aos sujeitos mulheres: feminilidade, feminismo, normatividade, relações de gênero; bem como a categorias raciais e de classe associadas aos indivíduos. Com isso, quero, sobretudo, examinar as construções sociais no interior dos discursos sobre música.

Em levantamento por livrarias e bibliotecas, encontrei quatro livros dedicados ao público infanto-juvenil que tem como tema principal Chiquinha Gonzaga: Diniz (2009); Diniz (2001); Fidalgo (2010) e Drummond (2013). A seguir, farei algumas

---

<sup>1</sup> Em geral, o termo “artefato” é utilizado para definir objetos culturais em seu nível mais superficial, configurando estruturas concretas que podem ser manipuladas pelos indivíduos, usadas para os mais diversos fins, cuja função e significado dependem do contexto em que estão inseridos. Pretendo aqui problematizar a “noção de artefato” a partir das recentes discussões antropológicas que propõe a diluição de oposições duais básicas: materialidade e imaterialidade, objetividade e subjetividade, presentificação e representação, figuração e abstração, artefatos e pessoas. Gell (1998) e Latour (2012) criticam as teorias que adotam uma perspectiva demasiado passiva em relação aos objetos. Para isso, apontam as possibilidades de agência dos artefatos, as formas de materialidade da vida social, sugerindo que objetos podem ser considerados “sujeitos” e “pessoas”. Em outras palavras, os artefatos atuam, influenciam pensamentos e ações e produzem a vida social tanto quanto pessoas.

considerações iniciais sobre estes materiais relacionando os discursos ali presentes com as principais biografias direcionadas ao público adulto, em especial, Lira (1939), Boscoli (1971), Diniz (1999) e Milan (2000).

## Crianças Famosas

O Livro de Edinha Diniz (2009) da série “Crianças Famosas” faz parte de um conjunto de vinte sete volumes que retratam a vida de uma personalidade socialmente relevante, com foco em artistas, escritores e inventores. Desta série, vinte quatro são sobre a vida de homens e apenas três sobre a vida de mulheres. Há uma evidente desproporcionalidade na questão de gênero na linha editorial desta coletânea. O livro de Edinha retrata a vida de Chiquinha Gonzaga apenas dos sete aos onze anos de idade. O material parece ser apropriado para crianças que cursam os anos iniciais Ensino Fundamental, embora não haja qualquer indicação sobre isso. A proposta é que as crianças leitoras se identifiquem com a protagonista central por também ser uma criança. Há um capricho com a vestimenta de Chiquinha, descrevendo-a inúmeras vezes em um lindo vestido. Parece uma tentativa de aproximação de um ideal de feminilidade expresso pelo modo de vestir e pelo zelo com a aparência. O dado se contradiz com as principais biografias de Chiquinha<sup>2</sup>, segundo as quais ela usava roupas fora dos padrões sociais de sua época, por vezes, se aproximando mais ao visual masculino do que do feminino<sup>3</sup>.

Apesar de Chiquinha Gonzaga ser filha uma mulher negra com um homem branco, não há qualquer referência a questão racial ao longo do texto. Entretanto, as ilustrações do livro apresentam todos os personagens como pessoas brancas, inclusive Rosa, mãe de Chiquinha. Não há menção à origem social da mãe nem a qualquer familiar materno. No caso do pai, há inúmeras referências à sua profissão - major do

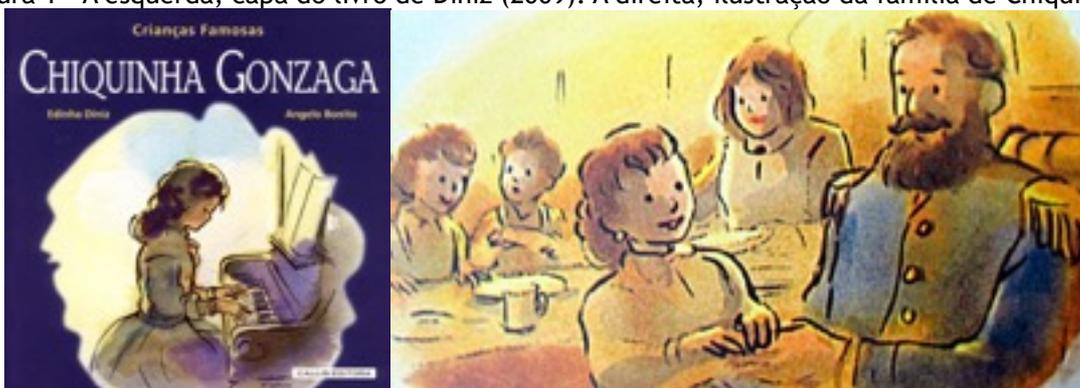
---

<sup>2</sup> Ver: Lira (1939), Boscoli (1971), Diniz (1999) e Milan (2000).

<sup>3</sup> Em uma matéria do Jornal do Brasil de 18/10/1939, Gastão Penalva descreve Chiquinha da seguinte maneira: “...vestida meio a homem, vinha Chiquinha Gonzaga. Confundia-se com os rapazes. Pouco se distinguia deles, com o rosto moreno e satisfeito...” (apud BOSCOLI, 1971, p. 146; apud LIRA, 1939, p. 166). Outros autores também fazem referência a aparência de Chiquinha, para citar alguns exemplos: “Vestida sempre de forma sóbria, evitando o uso de cores chamativas ou mesmo adereços que sinalizassem uma feminilidade pronunciada, ela coordenava os aspectos de sua apresentação pessoal com as expectativas *masculinas* de seu círculo social, como se quisesse tornar-se indistinta em relação a seus colegas” (CESAR, 2015, p. 69). “[..] era criticada por ser separada, por não conviver com os filhos, por frequentar rodas de boêmios, por usar roupas masculinas e por fumar charutos.” (OLIVEIRA, 2012, p. 99). “Nesta fase difícil, ela criou o hábito, jamais abandonado, de confeccionar as próprias roupas - sempre em cores escuras e corte retos, semelhante ao das roupas masculinas” (OLIVEIRA, 2012, p. 106).

Exército Imperial - e de familiares importantes que teriam exercido influência em Chiquinha. Nota-se, portanto, um embranquecimento social e um apagamento de qualquer vínculo com o meio negro. Esta característica também está presente nas principais biografias, as quais trazem pouquíssimas informações sobre mãe, limitando a apresentar seu nome.

Figura 1 - A esquerda, capa do livro de Diniz (2009). A direita, ilustração da família de Chiquinha.



Fonte: Diniz (2009)

O ponto culminante da obra é quando Chiquinha, aos onze anos, compõe sua primeira música, intitulada “Canção dos Pastores”. A partir deste episódio ela torna-se artista. Até então não o era, apesar do próprio texto admitir que antes desta composição ela tocava piano muito bem e interpretava músicas complexas. Este episódio reforça o mito do compositor e da obra musical como elementos centrais nas narrativas hegemônicas que tratam da história da música, especialmente no meio erudito<sup>4</sup>.

Em relação às composições de Chiquinha, além da “Canção dos Pastores” tem destaque a música “Ó abre alas” e sua vinculação com o carnaval. Ao final do livro, é apresentada uma lista com o título das seis composições mais famosas, mas sem contextualizá-las. O material não acompanha áudio, partituras, não remete a outras fontes, nem apresenta sugestões de atividades.

<sup>4</sup> A história da música clássica está edificada na tríade compositor/obra/períodos. É justamente a ênfase na figura do compositor como referência fundamental para traçar a história da música que permite que Chiquinha Gonzaga surja como objeto histórico de formações discursivas. Se não fosse compositora, Chiquinha certamente não teria destaque nas narrativas históricas. O campo da composição é o suprasumo das artes, lugar sacralizado, de máxima de expressão da criação, da criatividade, da genialidade. O compositor é uma espécie de ser mitológico, que transita e estabelece contato com domínios extra-humanos. Sua fonte de criatividade advém de um plano cósmico e, portanto, aquilo que produz, ou seja, sua obra, deve ser preservada em sua mais alta fidedignidade.

## Mestres da Música no Brasil

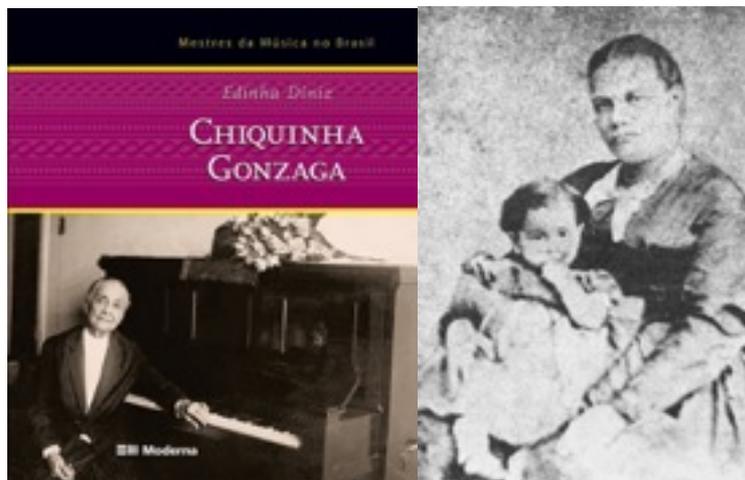
O segundo livro é também de Edinha Diniz (2001), da coleção “Mestres da Música no Brasil”. O livro faz parte de um conjunto de dezesseis volumes, dedicados a descrever apenas a trajetória de músicos. Desta coleção, quinze volumes são sobre personalidades homens e apenas um sobre mulheres. Assim como no caso anterior, há uma imensa desproporcionalidade na questão de gênero também nesta linha editorial. Por ser um pouco mais denso, este livro parece ser apropriado para um público acima de dez anos, no caso das escolas, os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, embora não haja qualquer indicação sobre faixa etária.

O livro narra de forma diacrônica a vida de Chiquinha, deste seu nascimento em 1847 até sua morte em 1935. A escrita é em estilo historiográfico, contextualiza os episódios com muitas datas, curiosidades e elementos da época, sempre remetendo a um período bem determinado. No tocando às origens de Chiquinha, a narrativa sobre a trajetória da maestrina está centrada eminentemente na figura do pai<sup>5</sup>, apresentado como “de uma ilustre família de militares”. Rosa, sua mãe, é apresentada nos discursos com uma mulher sem qualquer agência sobre Chiquinha ao longo de toda sua vida. Apesar do texto descrever Rosa como mestiça e as ilustrações conterem fotografias que revelam os traços negros da mãe, não há qualquer menção ao contexto sociocultural materno, de modo que a narrativa sugere uma desconexão completa do mundo negro durante o convívio familiar.

Figura 2 - A esquerda, capa do livro de Diniz (2001). A direita, foto extraída da página 04, com a mãe (Rosa) e Chiquinha ao seu colo.

---

<sup>5</sup> De acordo com a narrativa de Diniz (2001), o pai teria lhe propiciado educação aos moldes da alta cultura carioca. O círculo familiar do pai é destacado pela importante influência na formação artística de Chiquinha. São apontados vários artistas, intelectuais e políticos da família paterna que a teriam exercido influência desde a infância. O pai lhe teria dado um piano. O pai lhe arranhou um casamento. O pai lhe condenou e deserdou da família quando se separou do primeiro marido.



Fonte: Diniz (2001)

Há um capricho incessante em ressaltar Chiquinha como compositora ou “autora de partituras” - para usar uma categoria do livro -, constituindo o eixo central que legitima sua trajetória artística. Esta ênfase sistemática, além de reforçar o mito do compositor e da obra musical, coloca em posição secundária outras habilidades musicais de Chiquinha. As biografias principais também tomam a composição com eixo da narrativa, mas notas esparsas sugerem que ela teria sido intensamente aclamada em sua época como pianista, regente, intérprete, arranjadora, produtora<sup>6</sup>.

O livro começa e termina aproximando Chiquinha ao feminismo, especialmente por seu comportamento, seu sua personalidade rebelde e contestadora dos padrões sociais. O espírito geral da personagem é de uma mulher que muito trabalhou e muito lutou. Algumas categorias usadas para descrever a personalidade são: versátil; inquieta; temperamento forte, franco e alegre; rebelde; determinada. Categorias usadas para descrever sua música: de enorme popularidade; de agrado popular; integrava todo tipo de repertório; fusão entre música europeia e de origem africana. Há referência às composições “Ó abre alas”, “Canção dos Pastores”, “Atraente”, “A Corte na roça”, “Forrobodó” e “Corta-Jaca”.

O material não acompanha áudio e partituras, mas está disponível no site da editora um suplemento didático elaborado por Wasserman (2001), produzido

<sup>6</sup> Em notas esparsas, algumas biografias sugerem que ela teria sido uma intérprete notável, tanto como pianista solista, como em grupos de choro, como também enquanto regente. Não só de suas próprias músicas, mas também de outros compositores. Algumas passagens destacam reações delirantes do público diante de suas interpretações. Inclusive, compositores consagrados, como Carlos Gomes, Ravel, até mesmo padres, dirigindo elogios calorosos às suas interpretações.

especialmente para este livro, com sugestões de atividades para desenvolver em turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

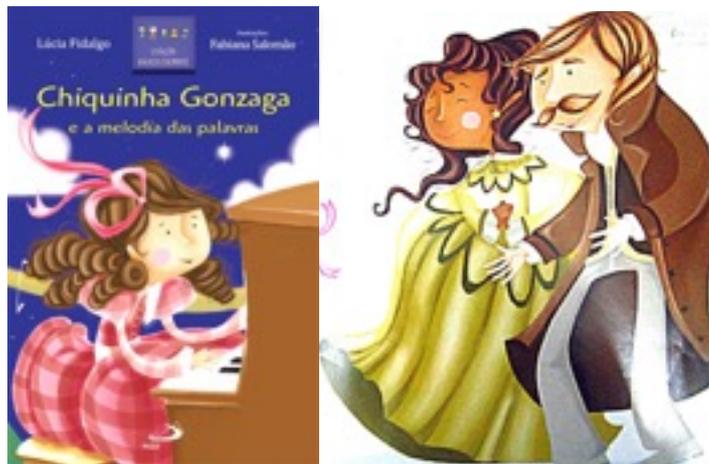
## **Brasileirinhos**

O terceiro livro é de Lucia Fidalgo (2010) e faz parte da coleção “Brasileirinhos”. O exemplar integra um conjunto de dez volumes, cada um descreve personalidades das mais diversas como intelectuais, ativistas, artistas, etc. Destes, sete volumes são dedicados a personagens homens e apenas três a mulheres. Pelo tipo de escrita e ilustrações, o material parece apropriado ao público entre seis a onze anos, embora não haja qualquer indicação sobre isso.

A história começa quando Chiquinha as onze anos apresenta à família sua primeira composição, a “Canção dos Pastores”. Ao longo da trajetória é apresentada uma vida de amor e felicidade, tanto no texto - estas palavras aparecem em quase todas as páginas - como também nas imagens, onde todos os personagens são retratados com semblante feliz e sorridente. Entretanto, as principais biografias de Chiquinha sugerem uma vida de sofrimento, humilhações e dificuldades. A inscrição no túmulo feita a pedido da própria Chiquinha consta: “sofri e chorei”. No tocante a este aspecto, a leitura de Fidalgo imprime a representação da personagem em uma noção idealizada de amor e felicidade em uma necessidade incessante em revelar estas características, mesmo que para isso precise inventá-las.

Em relação a vestimenta, embora o texto não faça qualquer referência, as ilustrações sempre retratam a personagem em vestidos longos, elegantes e em cores chamativas. Assim como destacado anteriormente, o dado contradiz com as biografias, onde ela é apresentada com aparência discreta, usando cores escuras, mais próximo ao visual masculino do que feminino.

Figura 3 - A esquerda, capa do livro de Fidalgo (2010). A direita, ilustração da mãe e pai de Chiquinha.



Fonte: Fidalgo (2010)

A autora descreve a mãe de Chiquinha como “mulata” - palavra considerada inadequada para retratar sujeitos negros por alguns setores sociais. Nas ilustrações a mãe aparece pintada de cor mais escura, mas sem que os demais traços corporais remeta aos atributos negros, como cabelo, lábios, formato do rosto, ficando a indicação restrita ao plano da cor. Diferentemente do pai, em que o desenho foi inspirado no retrato de uma foto de época, a ilustração da mãe não se parece em nada com o retrato de época de Rosa. Trata-se de uma imagem bem mais inventada.

Ao descrever o pai, é enfatizada sua posição social (militar) e sua forte personalidade: um homem calado, mas amoroso. Ao descrever a mãe, é ressaltado seu corpo (mulata, lábio de sedução, olhos de alegria) e sua doce personalidade. Essas características a teriam herdado Chiquinha: “Com o pai, a menina aprendeu a ser forte, decidida; com a mãe, aprendeu a doçura” (FIDALGO, 2010). Estas descrições reproduzem estereótipos de gênero que associam as mulheres à submissão e os homens às decisões importantes. O estereótipo contradiz com a trajetória de Chiquinha em suas principais biografias, frequentemente apresentada como uma mulher rebelde, ousada, contestadora, subversiva.

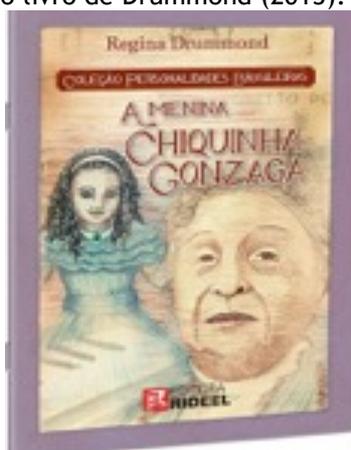
### Personalidades Brasileiras

O quarto e último livro é de Regina Drummond (2013) e faz parte da coleção “Personalidades Brasileiras”. A série conta com oito volumes, sendo quatro dedicados às figuras mulheres e quatro dedicados aos homens. Tratam-se de personalidades de destaque em diferentes áreas, artistas, inventores, ativistas, etc. O livro parece ser apropriado a um público acima de onze anos, no caso das escolas, os anos finais do

Ensino Fundamental e Ensino Médio, embora não haja qualquer indicação sobre faixa etária.

A narrativa descreve uma trajetória heroica, guerreira e triunfante, marcada por situações de luta, valentia e ousadia, especialmente em relação a sua condição feminina. Chiquinha é frequentemente descrita como pessoa de temperamento inquieto e rebelde, retratada como uma mulher a frente do tempo. Por não aceitar os padrões sociais impostos às mulheres, torna-se símbolo das revoluções sociais e da causa feminista. Esta leitura encontra paralelo com as principais biografias de Chiquinha. Pode-se dizer que o livro de Fidalgo é uma compilação da biografia produzida por Edinha Diniz (1999), inclusive na forma de narrativa e constituição da personagem.

Figura 4 - Capa do livro de Drummond (2013).



Fonte: Drummond (2013).

Em relação as imagens, dos quatro livros selecionados este é o único em que Chiquinha Gonzaga é representada em pele mais escura. Além do tom da pele, outros traços físicos como cabelos e formato do rosto sugerem uma possível ascendência negra. Isto não é confirmado no texto, uma vez que a autora prefere usar categorias ambíguas, descrevendo-a como “morena, olhos escuros, cabelos levemente ondulado” (DRUMMOND, 2013, p.10). Por outro lado, faz uma breve menção às características raciais da mãe e a um contexto social genérico ao descrevê-la como “uma moça de origem humilde, mestiça e solteira”.

Ao final do livro, há indicações de atividades para realizar com as crianças e sugestões de pesquisas para aprofundamento de alguns temas.

## Considerações Finais

As descrições que fiz dos quatro materiais selecionados são levantamentos preliminares para iniciar a análise do discurso que pretendo realizar ao longo tese de doutorado. Alguns elementos presentes nestes discursos apontam a necessidade de aprofundar questões como: relações de gênero (MCCLARY, 1991; NOGUEIRA e FONSECA, 2013; ROSA, 2010); relações raciais (SEGATO, 2005; GONZALEZ, 1988; FRY, 2005; SCHWARCZ, 1993); noção de pessoa (MAUSS, 2003); manipulação da identidade (GOFFMAN, 1975); ideologias individualistas e mística do artista como indivíduo singular (VELHO, 2001); construção de sujeitos socialmente desviantes e divergentes (VELHO, 2003; BECKER, 2008); estigmatização dos indivíduos (GOFFMAN, 1975).

A dimensão deste artigo e o estágio inicial da pesquisa permitiram apresentar aqui apenas algumas considerações pré-reflexivas do que uma análise propriamente dito. Os levantamentos iniciais que estou fazendo nos discurso sobre Chiquinha Gonzaga e a Música Brasileira em literaturas das mais diversas (acadêmica, biográfica, jornalística, literária, infanto-juvenil, etc.) apontam que as construções sobre a imagem de Chiquinha são contraditórias e divergentes. Biografias, romances e literaturas sociológicas costumam apresentar Chiquinha como uma heroína transgressora. Sua imagem vem sendo constantemente atualizada e incorporada pelo movimento feminista e, ultimamente, também pelo movimento negro como símbolo das causas destes segmentos sociais. Já no campo de estudos musicais esta imagem é substituída por uma artista ordinária. Os livros tratam da história da música brasileira destacam seu mérito mais pelos seus pioneirismos (primeira chorona, primeira maestrina, primeira pianista, etc.) do que por sua arte, esta última, em geral enquadrada em categorias como popularesca, simples, fácil, amadora, vulgar, desprovida de criatividade<sup>7</sup>. Isso quando não a ignoram por completo<sup>8</sup>. Observo, com isso, uma inaudibilidade das músicas de Chiquinha Gonzaga na sociedade

---

<sup>7</sup> Um exemplo: “Chiquinha Gonzaga [...] merece respeito como uma precursora de nossa música popular, mas esteve longe da genialidade de seu contemporâneo Ernesto Nazareth” (In: Vasco Mariz apud Dicionário Cravo Albin on-line, verbete: Chiquinha Gonzaga).

<sup>8</sup> Exemplo disso é possível verificar em Vasco Mariz (2002 e 2005) que em seus dois livros “História da Música no Brasil” e “Música Brasileira de Câmara” não faz qualquer menção à compositora ao longo de toda obra. Vasconcellos (1977), em “Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque”, traz pequenas biografias sobre os artistas desse período (justamente a época de Chiquinha), mas não apresenta uma biografia sobre a maestrina, seu nome e suas músicas aparecem apenas em notas esparsas.

contemporânea. Fala-se muito em sua vida, mas ouve-se pouco suas músicas. Situação inversa a sua época, quando sua música circulava por diversas camadas da sociedade carioca e despertava grande interesse no meio artístico e no público em geral.

Acredito que uma análise mais aprofundada da literatura infanto-juvenil que tem como objeto Chiquinha Gonzaga e a música brasileira pode contribuir para revelar o que as narrativas em torno de Chiquinha Gonzaga têm a dizer sobre os projetos aos quais se vinculam, o que está em jogo em tal processo de elaboração e em nome de quais interesses -- partindo do pressuposto que "ideias não podem, afinal, divorciar-se de relacionamentos" (STRATHERN, 2013). A intenção não é oferecer uma exegese de Chiquinha Gonzaga, mas sim compreender porquê em determinados momentos ela foi deixada de lado e como, passado tantos anos e reviravoltas, poderíamos voltar a relê-la sob outras intenções. "O ponto é que não há apenas um contexto, mas vários, e o interesse aqui está no jogo entre ele" (SZTUTMAN, 2013, p. 139).

## Referências

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOSCOLI, Geysa. *A pioneira Chiquinha Gonzaga*. Rio de Janeiro: Edição do autor, s/d (1971?).

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CESAR, Rafael do Nascimento. *A composição de uma pianista: de Francisca a Chiquinha*. Dissertação (Mestrado) em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. 2015.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. 6ª ed. Ed. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 1999 [1984].

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga*. Ilustrações: Angelo Bonito. Coleção Crianças Famosas. 2ª edição. São Paulo: Callis, 2009 [2000].

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga*. *Mestres da Música no Brasil*. São Paulo: Moderna, 2001.

DRUMMOND, Regina. *A menina Chiquinha Gonzaga*. Coleção Personalidades Brasileiras. São Paulo: Rideel, 2013.

FIDALGO, Lúcia. *Chiquinha Gonzaga e a melodia das palavras*. Ilustrações: Fabiana Salomão. Coleção Brasileirinhos. São Paulo: Paulus, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015 [1969].

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2014 [1970].

FRY, Peter. *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. *Raça e Classe*, ano 2, n. 5, nov./dez., 1988.

- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; São Paulo: Edusc, 2012.
- LIRA, Mariza. *Chiquinha Gonzaga: grande compositora popular brasileira*. Rio de Janeiro: Pap. E Typ. Coelho, 1939.
- MARIZ, Vasco. *A Canção Brasileira de Câmara*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.
- MARIZ, Vasco. *História da Música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a de “eu”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003, p.369-397.
- MCCLARY, Susan. *Feminine Endings*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.
- MILLAN, Cleusa de Souza. *Memória Social de Chiquinha Gonzaga*. São Paulo: [s.n.], 2000 [dissertação de 1996].
- NOGUEIRA, Isabel; FONSECA, Susan C. (Orgs). *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013.
- ROSA, Laila. “Pode performance ser no feminino?”. *Ictus*. v. 11, n. 2, 2010.
- OLIVEIRA, Maurício. Chiquinha Gonzaga e João Batista Lage. In: OLIVEIRA, M. *Amores proibidos na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. 7ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz K. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEGATO, Rita. *Santos e Daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. 2ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- SZTUTUMAN, Renato. Posfácio: as ideias em jogo. In: STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, p. 137-152.
- VASCONCELOS, Ari. *Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Sant’Anna, 1977.
- VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (org.). *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro, Editora Aeroplano, 2001.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 8a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WASSERMAN, M. C. *Mestres da Música no Brasil - Chiquinha Gonzaga*. São Paulo: Editora Moderna, 2001 (Suplemento Didático).